



Aprofundamento

PROJETOS MIGRATÓRIOS E RELAÇÕES FAMILIARES EM CABO VERDE

*Juliana Braz Dias**

O arquipélago de Cabo Verde apresenta-se envolvido em um intenso fenômeno emigratório. Este trabalho examina as estratégias de emigração dos cabo-verdianos e aponta como as famílias se reproduzem através da partida de alguns de seus membros e/ou do estabelecimento de alianças com famílias de emigrantes. Ressalta também como as particularidades da organização familiar em Cabo Verde permitem que o pertencimento do emigrante à sua sociedade de origem não seja rompido, sustentando assim os projetos de emigração e a continuidade da sociedade cabo-verdiana.

The archipelago of Cape Verde is involved in a strong migration phenomenon. This paper examines Capeverdeans' migration strategies and points out how families reproduce themselves through the departure of some of its members and/or alliances with migrants' families. It also emphasizes how the particularities of family organization in Cape Verde ensure that migrant's belonging to his/her original society is not broken. In this way, families aid migration projects and the maintenance of the Capeverdean society.

* Juliana Braz Dias é professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Brasil. É doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Desenvolve, desde 1998, projetos de pesquisa na área etnográfica de Cabo Verde, abrangendo temas como migração, organização familiar, cultura popular e identidade social. Coordena o Núcleo de Estudos de Cultura Popular.

A decisão tomada por uma pessoa de deixar sua terra natal, migrando para outro país, é apenas a ponta do *iceberg*, escondendo sob si inúmeros processos sociais que a estimulam e sustentam. A opção pela emigração como um projeto de vida envolve, a nível macro-social, uma ordem mundial onde as grandes potências econômicas demandam mão-de-obra barata, absorvendo parte significativa da força de trabalho dos países periféricos. Estes últimos, por sua vez, revelam um conjunto de forças econômicas, políticas e/ou sociais capazes de impulsionar o fluxo migratório internacional. Em outro plano, mais diretamente relacionado ao domínio cultural, é preciso considerar também as idéias e valores construídos em torno do ato de migrar. Cada cultura agrega significados particulares aos fluxos de pessoas, valorando positiva ou negativamente o afastamento da terra natal, a busca por melhores condições de vida além das fronteiras nacionais, o distanciamento de familiares e amigos, bem como o contato com outras sociedades e outras visões de mundo. Por fim, a decisão de migrar envolve todo um projeto familiar, com particular distribuição de papéis dentro do grupo doméstico, tornando necessária e possível, em última instância, a partida do emigrante.

Este trabalho enfoca um contexto migratório específico. Aborda parte da história do arquipélago de Cabo Verde, destacando alguns dos fatores que fizeram do povo cabo-verdiano uma nação de emigrantes. Trata também da formação, em Cabo Verde, de uma cultura de emigração, onde a partida para novos mundos torna-se mais que a busca pela sobrevivência material, envolvendo também a aquisição de prestígio dentro de sua própria sociedade de origem. Em especial, o presente estudo mostra como um povo que tanto depende da emigração de grande parte de seus filhos desenvolve um modo particular de organização familiar, de tal forma que essas famílias criem as condições necessárias para a partida desses indivíduos, sem que elas mesmas se tornem prejudicadas nesse processo.¹

Uma nação de emigrantes

O arquipélago de Cabo Verde, localizado na costa oeste africana, comporta uma população bastante fragilizada. Trata-se de uma sociedade

¹ Este artigo é uma versão resumida de parte do argumento desenvolvido na dissertação de mestrado *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*, da mesma autora. Fundamenta-se, em grande parte, em atividades de pesquisa realizadas na Ilha de Santiago (Cabo Verde) entre dezembro de 1998 e fevereiro de 1999, levando em consideração também informações obtidas em novas incursões a campo em 2002 e 2006.

que apresenta uma série de empecilhos para sua manutenção. Marcada pela pobreza, que se intensifica por fatores de ordem social e ecológica, a população cabo-verdiana enfrenta uma luta contínua pela sobrevivência.

Sua fragilidade também se revela no plano estrutural. Os princípios que organizam a sociedade cabo-verdiana são heterogêneos e ambíguos, muitas vezes contraditórios, o que reflete a particularidade do seu processo histórico de formação social. Cabo Verde nasceu do encontro intersocietário entre portugueses e africanos. As ilhas, desabitadas até meados do século XV, foram palco para o grandioso empreendimento lusitano de conquista de novos mundos. E os portugueses, junto com os africanos por eles trazidos do continente, deram origem a uma sociedade que ainda hoje carrega as marcas desse encontro original, constituindo-se como uma complexa síntese de elementos culturais heterogêneos.

A sociedade cabo-verdiana tem encontrado na emigração um importante caminho para assegurar sua reprodução ao longo do tempo. O fenômeno migratório em Cabo Verde é altamente expressivo. Mesmo com toda a dificuldade para computar esse fluxo de pessoas, sabe-se hoje que a quantidade de cabo-verdianos emigrados e seus descendentes, dispersos por mais de 40 países, ultrapassa em muito a população residente no arquipélago.

A emigração exerce influência em diversos domínios da vida deste povo. Atua como um fator fundamental na configuração da realidade experienciada pelos cabo-verdianos, orientando desde os delineamentos políticos e econômicos do país, até o cotidiano da população, em suas relações interpessoais e seus projetos de vida.

A primeira corrente de emigração cabo-verdiana teria tido início, segundo o historiador António Carreira,² ainda no final do século XVII ou nos primeiros anos do século XVIII. Era um fluxo eminentemente masculino, direcionado (a princípio) para os Estados Unidos da América e alimentado por homens que buscavam, acima de tudo, melhores condições de vida.

A situação climática de Cabo Verde tem sido continuamente apontada como um dos principais motivadores deste fluxo emigratório. Localizado na vasta zona de climas áridos e semi-áridos do Sahel africano, o arquipélago tem sua história marcada por estiagens freqüentes e prolongadas. Foram trágicas crises de seca e fome, seguidas de altos índices de mortandade.

Importa ressaltar aqui que o desejo de fugir à situação imposta pelo clima árido constituiu-se efetivamente como um impulso para a partida

² CARREIRA, António. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*, p. 65.

de muitos emigrantes, que viam neste ato a única forma de escapar à fome e à morte. Mas devemos notar que as adversidades climáticas são ainda uma explicação parcial para a freqüente partida de cabo-verdianos. Andrade³ lembra que as condições naturais e constrangedoras do arquipélago e a miséria daí decorrente não bastam para que haja migrações, uma vez que o fenômeno migratório permaneceu e se intensificou mesmo quando a seca, que continua a suceder até a atualidade, deixou de causar tão trágicas mortandades pela fome. De fato, são inúmeros os fatores que se associam na motivação dos projetos migratórios. Inclusive, o próprio clima pode ser percebido como um motivador de outra ordem, ideológica. A seca é um símbolo forte que evoca uma série de idéias, como as noções de miséria, de destino e de desafio, ajudando na criação de uma cultura de emigração, sobre a qual voltaremos a falar mais adiante.

O mundo agropecuário que se consolidou no arquipélago, apesar do clima adverso, é outro domínio importante para a compreensão da tradição emigratória que se desenvolveu nas ilhas. Assim como os obstáculos de ordem geográfica, o próprio modelo de apropriação e exploração do solo em Cabo Verde tem atuado como fator importante na configuração de uma realidade desfavorável para grande parcela da população rural, que encontra na emigração sua única saída. A história da evolução da estrutura agrária em Cabo Verde revela-nos um quadro repleto de desigualdades e contradições. As desigualdades no sistema de distribuição de terras, com concentração de grandes propriedades nas mãos de um número reduzido de pessoas, somadas às inconsistências do sistema de transmissão de bens e à própria escassez de solo apropriado para o cultivo, gerou um excedente de mão-de-obra no campo. Atendendo a todos aqueles excluídos do sistema fundiário em vigor, aparece a opção pela emigração. A partida de grande parte da população para o exterior surge como uma maneira de reequilibrar tal situação insustentável.⁴

A emigração de cabo-verdianos não se limitou às camadas mais desprovidas da população. É preciso considerar também, na história da emigração cabo-verdiana, a partida de grande quantidade de pessoas direcionadas para a ocupação de postos importantes na administração

³ ANDRADE, José. "Migrações cabo-verdianas", p. 71.

⁴ Para maiores informações sobre a estrutura agrária em Cabo Verde, ver: CARREIRA, António. *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*; CORREIA E SILVA, António Leão. *Histórias de um Sahel insular*; e FURTADO, Cláudio Alves. *A Transformação das Estruturas Agrárias numa Sociedade em Mudança – Santiago, Cabo Verde*.

pública de outras colônias portuguesas, especialmente da Guiné. Só neste último, entre 1920 e 1940, cerca de 70% dos funcionários públicos eram cabo-verdianos ou seus descendentes.⁵

Outro importante motivador para a partida de membros da elite cabo-verdiana para outros países é a busca por melhor formação acadêmica. Carreira⁶ ressalta que, ainda no início do século XX, membros do estrato social dominante encaminhavam-se freqüentemente para Portugal a fim de freqüentar o liceu (ensino médio) e cursos superiores. De fato, a educação constitui-se como um importante valor na sociedade cabo-verdiana. Desde a época colonial, Cabo Verde tem apresentado altos índices de escolaridade quando comparados aos das outras colônias portuguesas. E ainda hoje, a saída do país com o intuito de complementar os estudos de nível superior é uma prática muito comum em Cabo Verde.

É no final da década de 1950 e nos anos seguintes que a emigração cabo-verdiana assume sua forma mais vigorosa. Nestes anos, com mais intensidade nas décadas de 1960 e 1970, alcança grande expressão a emigração em massa para a Europa. Enquanto em Cabo Verde o desemprego atingia índices altíssimos, refletindo um mercado de trabalho interno bastante limitado, os grandes centros industriais na Europa passavam por um momento de crescimento econômico vertiginoso, demandando, por sua vez, grande quantidade de mão-de-obra. Ao lado dos Estados Unidos e da Metrópole, Portugal, passa a se destacar na preferência dos cabo-verdianos a emigração para lugares como Holanda, França, Luxemburgo, Itália, Alemanha e Suíça – países que, neste período, ainda apresentavam uma política aberta para receber africanos das colônias portuguesas. É importante notar que a escolha do país de destino esteve sempre orientada segundo a ilha de origem do emigrante. Cada ilha cabo-verdiana consolidou uma corrente migratória para um ou mais países específicos. Os naturais das ilhas Brava e Fogo, por exemplo, sempre se encaminharam mais para os Estados Unidos; os de Santiago, para França e Holanda, além dos EUA; os da Ilha de Boa Vista seguem tradicionalmente para a Itália, Holanda e Alemanha; e os de São Nicolau emigram principalmente para a Holanda.

Vale ressaltar ainda a importância da migração interna, que também se mostra expressiva em Cabo Verde. Direcionado principalmente para a Cidade da Praia, na Ilha de Santiago, e Mindelo, na Ilha de São Vicente, este fluxo migratório pressupõe maior oferta de trabalho nos centros urbanos, o que freqüentemente não corresponde às expectativas dos

⁵ CARREIRA, António. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*, p. 118.

⁶ *Ibidem*, p. 118.

migrantes. Assim, o êxodo rural acaba por configurar-se muitas vezes como uma primeira etapa do movimento que terá como destino final um dos diversos países destacados acima. Em comum entre todas estas formas de migração está o sonho de alcançar condições de vida mais favoráveis, através de melhorias na situação econômica e da ascensão social. E, se muitas vezes este sonho ficou longe de se concretizar, outras tantas vezes a saída do arquipélago significou verdadeiramente um grande passo na direção de uma vida mais próspera. Para significativa parcela de cabo-verdianos que se viam confrontados por dura realidade em seu país de origem, a emigração apareceu como uma eficiente solução. Nas palavras de Furtado, “a emigração constituía-se na última alternativa para o cabo-verdiano. Ela é uma esperança de renovação: familiar, econômica, social e cultural”.⁷

E a emigração não representa apenas uma forma de construir um novo lugar, fora do país, para aqueles que foram “excluídos” do sistema vigente. Ela é fundamental também para muitos que permanecem residindo em Cabo Verde, tornando-se importante alternativa para os familiares de emigrantes. Os recursos enviados periodicamente pelos emigrantes chegam a representar mais da metade da renda familiar para grande parcela da população.⁸ A emigração é um meio indispensável para a manutenção e reprodução social de 60 a 70 por cento das famílias cabo-verdianas, que recebem regularmente transferências do exterior.⁹

Além das remessas periódicas de dinheiro, os emigrantes também contribuem com o envio de bens e produtos de consumo de tipos diversos – eletrodomésticos, mobiliário, vestuário, brinquedos e utensílios agrários, entre outros – que possibilitam considerável melhoria nas condições de vida de seus familiares no arquipélago. Ainda, junto com todos estes bens, os emigrantes viabilizam um fluxo de informações e valores, de tal forma que a importância da emigração não se limita ao plano material, atingindo também um domínio simbólico.

A formação de um *ethos* da emigração

A identidade cabo-verdiana tem sido elaborada, em grande medida, em torno de particular abertura em relação ao mundo exterior. Cabo Verde consolidou-se desde o início de seu povoamento como um

⁷ FURTADO, *op. cit.*, p. 69.

⁸ LESOURD, Michel. *État et société aux îles du Cap-Vert*. Alternatives pour un petit État insulaire, p. 114.

⁹ MONTEIRO, César Augusto. *Comunidade Imigrada*. Visão Sociológica. O Caso da Itália, p. 335.

ponto de circulação, uma mediação entre os três continentes que se encontram naquele ponto do Atlântico – Europa, África e América. A condição insular do país esteve longe de ser fonte de isolamento. De tal condição, brotou uma tendência singular para a relação com o exterior.

A sociedade cabo-verdiana mantém-se voltada para fora, e a emigração surge como uma parte essencial dessa inclinação, consolidando um processo contínuo e extremo de abertura ao mundo. O fenômeno emigratório alimenta essa tradicional abertura para o outro, fortalecendo o contato com a pluralidade de universos que circundam as ilhas. Os emigrantes possibilitam a formação de intenso fluxo cultural para além das fronteiras de Cabo Verde, construindo pontes que aproximam o arquipélago de uma diversidade de países, os quais passam a interferir diretamente no cotidiano das ilhas.

Há uma pluralidade de valores que fazem da emigração um ideal almejado por inúmeros cabo-verdianos. A possibilidade de conhecer o mundo, o regresso ou mesmo a saudade são todas idéias atrativas que ajudam a orientar a decisão de quem opta por deixar o arquipélago. Constituindo-se ela própria como um valor, a emigração é um importante traço identitário deste povo. Podemos sugerir aqui a existência de uma espécie de “*ethos* da emigração”, uma disposição particular ao homem cabo-verdiano, que se somaria às outras diversas causas do fenômeno, impelindo-o a partir. Junto com a seca, a estrutura fundiária, o desemprego e os projetos de formação acadêmica, o “*ethos* da emigração” seria mais um dos vários mecanismos de ejeção que atuam na sociedade cabo-verdiana de forma a possibilitar sua reprodução.

A inclinação dos cabo-verdianos para a emigração nos remete às particularidades dos povos que, juntos, atuaram no processo de formação da sociedade cabo-verdiana. Os portugueses consolidaram-se historicamente como um povo de diáspora. O desbravamento, a conquista e a aventura são valores que sempre os acompanharam na expansão através do Atlântico. Alguns traços dessa ênfase cultural característica dos portugueses possivelmente foram assimilados na formação da cultura cabo-verdiana e combinados a uma herança africana, não menos voltada para a conquista de novos mundos.

Kopytoff¹⁰, na tentativa de compreender o processo de formação das sociedades da África sub-saariana e a reprodução de uma cultura política pan-africana, sugere um modelo explicativo fundado na idéia de

¹⁰ KOPYTOFF, Igor. “The Internal African Frontier: The Making of African Political Culture”.

que a África tenha se constituído, ao longo de sua história, como uma espécie de “continente de fronteiras”, palco para uma série de movimentos de populações, de vários tipos e dimensões. No processo de ocupação do continente, grande quantidade de terras teria permanecido disponível, o que, somado a uma particular cultura política, teria permitido a formação de inúmeras fronteiras em potencial, isto é, áreas localizadas entre sociedades já organizadas e consideradas legítimas para o estabelecimento de novos grupos, impulsionados para essas fronteiras locais através de inúmeros movimentos de pequena escala.

O que nos é particularmente relevante no modelo elaborado por Kopytoff é que o processo que leva a ocupação das fronteiras internas no continente africano é marcado, acima de tudo, pela produção social de “homens de fronteira”. As sociedades africanas tradicionais caracterizam-se por uma dinâmica social que freqüentemente ejeta pessoas para fora de suas comunidades. Uma marcante tendência à fissão e à segmentação permite a formação contínua de grupos dispostos a partir para as áreas de fronteira. Em diversas situações de tensão, geradas, por exemplo, por acusações de feitiçaria ou contestações causadas pelas ambigüidades das regras de sucessão, a partida para a fronteira é sempre considerada como uma importante opção para efetiva resolução do conflito.

Além das forças estruturais que continuamente ejetam pessoas para fora de suas comunidades, Kopytoff também ressalta alguns fatores culturalmente elaborados que atuam como forma de atração para as fronteiras. Enquanto para muitas sociedades a partida para um lugar desconhecido aparece como uma alternativa arriscada e pouco interessante, nas sociedades africanas a possibilidade de “ser o primeiro” na fundação de uma nova comunidade e de usufruir, assim, de um tipo especial de senioridade causa grande atração. Além disso, o próprio gosto pela aventura e pela possibilidade de ter acesso a algo novo são fatores que contribuem para a formação de “homens de fronteira”.

Embora o modelo elaborado por Kopytoff não possa ser integralmente aplicado ao caso das emigrações cabo-verdianas, uma vez que se refere ao processo específico de formação das sociedades africanas tradicionais, ele nos revela valores subjacentes a esse processo que estão presentes no que poderíamos chamar de uma cultura pan-africana, partilhada também, em alguma medida, por comunidades do mundo atlântico, especialmente Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Determinados elementos do modelo das fronteiras, como o gosto pela aventura e certos mecanismos estruturais de ejeção podem ser sugeridos aqui como fatores de grande importância para a constituição do “*ethos* da emigração” cabo-

verdiano. E é essa dupla herança – africana e portuguesa – na consolidação de uma tendência à partida, acrescida de um desenvolvimento histórico voltado para o exterior, que contribui para a especificidade cabo-verdiana em sua atual inserção no fenômeno migratório mundial.

A insularidade cabo-verdiana apresenta-se como outro fator especialmente significativo na constituição de uma cultura que encontra na emigração um valor central. A experiência de habitar um pequeno arquipélago no meio do Atlântico tem forte impacto no imaginário popular, onde o mar surge como um símbolo muito rico.

Os discursos sobre o caráter emigratório do povo cabo-verdiano, embora estejam em geral associados às carências materiais enfrentadas pela população, muitas vezes recaem sobre a insularidade como explicação para o fenômeno. Marlene¹¹, uma funcionária pública que, ela própria, já há alguns anos optou por deixar seu país para concluir seus estudos no exterior, ao comentar sobre o peso que assume a emigração em Cabo Verde, afirma: “Veja, nós somos uma ilha, estamos no meio do Atlântico. Temos uma ligação forte com o mar. O mar faz parte de nossa idiosincrasia.” A condição insular do país aparece no discurso de Marlene como um símbolo de forte apelo. Circundados pelo mar, os cabo-verdianos encontram neste último um importante referencial na construção de sua identidade. O mar é parte do ser cabo-verdiano. É ele quem delimita e prescreve os possíveis caminhos dos habitantes das ilhas.

A própria localização geográfica do país, conforme aparece com frequência no discurso de seus habitantes, indica a importância que assume a insularidade na definição da identidade cabo-verdiana. As convencionais classificações continentais são anuladas e a ênfase recai sobre a condição insular do país. Não se trata simplesmente de um país africano; Cabo Verde é “um país do Atlântico” e sua população, “um povo das ilhas”.

O apelo simbólico do mar se revela com especial riqueza na literatura e na música cabo-verdianas. Nas obras dos poetas do movimento *Claridade*, considerado um marco da história literária do país, o mar surge como um símbolo especialmente relevante, carregado de uma dualidade semântica que expressa os sentimentos contraditórios experienciados pelo homem cabo-verdiano em sua vida nas ilhas. O mar aparece, a um só tempo, como um símbolo de prisão e liberdade. Como indica Secco,

[A poiesis de *Claridade*] se caracteriza por uma “inquietação marítima”, que traduz a ânsia de evasão do cabo-verdiano, ente bipartido pelo

¹¹ Os nomes dos informantes aqui citados, bem como outras referências (profissão, idade etc.) que possam trazer algum prejuízo às pessoas que participaram desta pesquisa, são fictícios.

contraditório desejo de partida e de regresso. O mar torna-se o agente desse “desassossego”; é o território ambivalente que ora dilata os sonhos e alarga os horizontes, ora fecha e aprisiona o ilhéu em um espaço insular.¹²

O mar que isola é também um convite à partida, carregado de esperança. O mar que fecha e limita se transforma em um mar aberto, que leva a sonhar com as promessas de terras longínquas. Ele é o caminho do emigrante. E, ao mesmo tempo, ele separa e une. Ele é simultaneamente o meio de realização da partida e do regresso. O mar é capaz de levar, assim como de trazer de volta. É uma característica inerente à sua fluidez. Ele está sempre indo e voltando, levando e trazendo. O mar é o símbolo do movimento, do fluxo que caracteriza o povo cabo-verdiano como um povo emigratório.

A inclinação dos cabo-verdianos para a emigração passa, como vimos, pela própria condição insular na qual vivem. Mas há ainda uma série de valores importantes para a sociedade cabo-verdiana que contribuem para que a emigração se configure como um ideal almejado por inúmeros indivíduos na elaboração de seus projetos de vida. São valores que ajudam a configurar o “*ethos* da emigração” e atuam como novos mecanismos de ejeção.

A possibilidade de *conhecer* o mundo, de ter acesso ao *novo*, é especialmente relevante entre os cabo-verdianos. Em uma sociedade tradicionalmente aberta ao outro, o acesso a tudo o que vem de fora, incluindo informações, moda, conhecimento, tecnologia e valores, assume uma importância especial. E para se alcançar tudo isso, a emigração é o caminho mais imediato.

Se a miséria do país ganha peso nos discursos sobre as causas da emigração quando pensadas de maneira geral, à medida em que passamos para o nível dos projetos individuais, começa a ganhar destaque a idéia de “sair para conhecer”.

Igor é um rapaz de 25 anos. Embora venha de uma família bastante humilde e resida em um bairro pobre da Cidade da Praia, na Ilha de Santiago, considera-se satisfeito com sua atual situação financeira, garantida pelo trabalho adquirido recentemente em uma fábrica.

Ganho muito bem para os padrões daqui. 45 mil escudos, fora as horas-extras. Não preciso sair de Cabo Verde por causa de emprego. Mas quero ir a outros países para visitar. Cabo Verde, por ser África, é todo mundo *odju fitxadu* [olho fechado]. Tem que sair para conhecer.

¹² SECCO, Carmen Lucia T. R. “Mar, Memória e Metapoesia na Lírica Cabo-verdiana”, p. 43.

No discurso de Igor, a necessidade material claramente perde terreno para uma necessidade “espiritual” de saber mais.

Artur, outro jovem que também tem a emigração como projeto de vida, afirma: “Aqui todo mundo é cego. Tem que abrir o olho, tem que conhecer outros lugares.” O isolamento em que vivem, antes vinculado à insularidade, traduz-se agora em um afastamento do conhecimento. Ao ilhéu que nunca deixou sua terra é associada a condição de ter os olhos fechados para as novidades, para o que acontece no mundo. Trata-se, em suma, da impossibilidade de saber, de ser e de ter, reservada a quem permanece nas ilhas.

Mas o fundamental é que esse acesso ao *novo*, ao que era antes desconhecido, só faz sentido quando o emigrante retorna a Cabo Verde. É no momento do regresso que se cria o contraste em relação àquele que não partiu. O emigrante retornado pode, enfim, distinguir-se como alguém que tem acesso a algo almejado por todos, mas possuído por apenas alguns. O regresso triunfal, onde o indivíduo retornado alcança uma posição privilegiada, é também em si um valor, que tem como condição a partida. É verdade que nas situações concretas o regresso pode apresentar uma face bastante diferente, caracterizada pelo insucesso, pelas expectativas frustradas. Pensada enquanto um valor, porém, a possibilidade do regresso aparece como outro importante fator de atração para a emigração. Atua como mais um mecanismo de ejeção, criando no cabo-verdiano o desejo de emigrar não só para ter acesso ao *novo*, mas também para, ao retornar, poder se distinguir daqueles aos quais antes era igual.

Assim como o regresso, a saudade também é um complemento à partida e, ao mesmo tempo, um valor. Se a saudade implica sofrimento, trata-se de um sofrimento especialmente valorizado pela cultura cabo-verdiana. Tema recorrente nas letras de música, a saudade surge como um importante vínculo que reforça as ligações do emigrante com sua terra natal.¹³ A saudade remete aos vínculos com a terra natal, à promessa do reencontro de um dia por vir. Sentir saudade é demonstrar o pertencimento ao mundo que um dia foi deixado para trás. Que a saudade é um sofrimento, todos confirmam, mas se trata de uma dor valorizada, nada temida.

Ao invés de se colocar como um obstáculo à partida, a saudade apresenta-se muitas vezes como um estímulo a ela. Afastar-se durante um

¹³ O sujeito de enunciação nas letras das músicas cabo-verdianas muito freqüentemente é um sujeito que se encontra fora de sua terra natal. De fato, os compositores dessas músicas em geral são eles próprios emigrantes, que buscam desenvolver sua carreira no exterior. A grande maioria das músicas cabo-verdianas ouvidas dentro do país é gravada fora, por cabo-verdianos que emigraram. Isso explica, em parte, a recorrência de temas como a saudade.

longo período e ser ansiosamente esperado por aqueles que permaneceram nas ilhas faz parte também do sonho daquele que emigra. Ele espera ser recebido de braços abertos pelos familiares no momento de sua volta. A possibilidade de ser o objeto da saudade de parentes e amigos é mais um dos fatores que alimentam os projetos de emigração, como sugere o caso a seguir. Artur comentava sobre uma vizinha que migrou para Portugal, ficou lá durante 5 ou 6 anos, e voltou para Cabo Verde para abrir um negócio. Logo em seguida, Artur afirmou: “Se eu realmente for para fora, pretendo ficar mais tempo sem voltar, uns 7 ou 8 anos... Tem que dar tempo de sentirem saudade da gente. (...) É bom ver os outros sentirem falta da gente.”

O modo de ser cabo-verdiano vai-se configurando assim de maneira dual, englobando simultaneamente o partir e o regressar, as aventuras do mar e o acolhimento da terra natal, os sonhos de conquista na terra longe e as saudades das ilhas. Essa dualidade é muitas vezes traduzida em um eterno vaivém, um movimento contínuo entre os dois extremos, que caracteriza o retorno entre os emigrantes cabo-verdianos.

O retorno do emigrante

A princípio, o emigrante que segue rumo à “Terra-Longe”, muitas vezes deixando no arquipélago esposa e filhos, tem um meta bastante definida. Pretende arrumar um bom emprego no exterior, que lhe torne possível sustentar a si próprio e à sua família, de preferência podendo agregar novos bens a seu patrimônio, como um casa ou uma pequena propriedade agrícola, até que, ao aposentar, possa voltar para sua terra, tendo o sustento garantido pela pensão que receberá do sistema de previdência social do país que o acolheu. Contudo, esse ideal de retorno é continuamente confrontado por uma realidade que nem sempre torna possível a efetiva realização do projeto inicial do emigrante. A volta definitiva do pai de família já aposentado chega a efetivar-se muitas vezes, mas em inúmeros outros casos, esse regresso tradicionalmente esperado vê-se substituído por outras situações.

Enquanto não retornam definitivamente, os emigrantes procuram fazer pequenas viagens a Cabo Verde, em visita a familiares e amigos, no período de férias. Tal situação é especialmente freqüente quando conseguem a legalidade no país de acolhimento, não tendo seu trânsito dificultado. Embora o tempo despendido em Cabo Verde seja, em geral, bastante curto, esses pequenos e freqüentes retornos configuram momentos muito significativos para que o emigrante reforce seus vínculos com a terra natal.

Antônio mora em Portugal com esposa e filhos. Tem um bom emprego e seus filhos estão estudando. Considera-se “bem instalado” no país que o acolheu, já tendo, inclusive, uma casa própria. Certa vez, no período de férias, Antônio foi para Cabo Verde construir outra casa na sua vila de origem, onde ainda moram muitos de seus parentes. A nova casa foi construída, segundo ele, para que sua família pudesse passar aí suas férias.

Projetos como o de Antônio são tão frequentes que é comum ouvir histórias sobre bairros, ou mesmo vilas, repletas de casas vazias, cujos moradores migraram, deixando a casa “trancada”, à espera pelos retornos periódicos. Trata-se de uma expressão clara de que essas pessoas não partiram definitivamente. A casa é um entre vários vínculos que os prendem a Cabo Verde. Mais ainda, a construção de uma casa em sua terra natal pode ser entendida como o desejo de reconstrução de um lar. Embora *casa* e *lar* sejam idéias distintas e uma não implique necessariamente a coexistência da outra, a casa é um símbolo que evoca a noção de lar.¹⁴ Para construí-la, é necessário um projeto que leve em consideração a vizinhança e a sensação de segurança e bem-estar que pode ser proporcionada por ela. Manter uma casa em Cabo Verde pode representar para o emigrante a manutenção do vínculo fundamental com o seu ponto de partida.

Dos indivíduos que se mantêm bipartidos nesse fluxo entre países, alguns chegam a retornar definitivamente para Cabo Verde um dia, como já foi ressaltado. Mas muitos outros permanecem adiando eternamente sua volta às ilhas. É importante observar que mesmo nesses casos, onde o regresso definitivo nunca chega a se concretizar, ele permanece como uma expectativa sempre presente.

O que nos interessa aqui em especial é que o indivíduo que volta para Cabo Verde, mesmo que apenas por um curto período de tempo, vê-se confrontado por uma nova situação, muito diferente da que vivenciava antes de partir. O emigrante que retorna não encontra mais em sua sociedade de origem o lugar que antes ocupava. O distanciamento durante o período em que esteve fora e as experiências aí vivenciadas o transformaram em uma pessoa diferente do que era antes.

Sônia, que partiu de Cabo Verde para completar seus estudos no Brasil, comenta que, quando voltou para seu país pela primeira vez, levou um susto: “Achei tudo russo, tudo seco... Achei tudo estranho. (...) Eu me sentia diferente. Só não falei nada para ninguém para não dizerem que eu estava me achando muita coisa.” Depoimentos como este, capazes de revelar grande estranhamento na experiência do retorno, repetem-se com frequência.

¹⁴ Ver: HOLLANDER, John. “It All Depends”; e RYKWERT, Joseph. “House and Home”.

Retomo, neste momento, a discussão realizada por Alfred Schutz sobre o indivíduo que retorna ao lar, o *homecomer*.¹⁵ O autor ressalta como o lar mostra a essas pessoas uma face não familiar. Se, por um lado, o *homecomer* espera e deseja voltar para o ambiente que sempre conheceu, com o mesmo grau de intimidade nos relacionamentos pessoais, por outro lado, a vida no lar não está mais à sua disposição imediata. Instaura-se uma descontinuidade entre aquele que ficou e o que partiu. E não é preciso que haja uma grande ruptura para que se estabeleça tal descontinuidade. A mera mudança de ambiente é suficiente para que experiências novas e singulares surjam na vida de cada um dos envolvidos, propiciando também uma reavaliação das velhas experiências. E torna-se quase inevitável um confronto entre as expectativas daqueles que partiram e daqueles que ficaram.

Júlia é uma senhora viúva que mora em um bairro humilde na Cidade da Praia. Tem vários filhos emigrados. Um deles, residente na França, telefonou certo dia para ela dizendo-lhe que estava com dinheiro para construir uma casa. Pedia então que procurasse um terreno na Praia e o comprasse com o dinheiro que enviaria. Dona Júlia, levando em consideração o fato de que o filho tinha acumulado grande quantia de dinheiro e que desfrutava de boa situação financeira, comprou o terreno no bairro de maior prestígio na cidade. O filho de Dona Júlia, porém, ao saber da escolha de sua mãe, não ficou satisfeito. O rapaz queria que o terreno tivesse sido comprado no mesmo bairro de sua mãe, o bairro humilde onde ele havia passado toda sua infância, o que, para Dona Júlia, não convinha com o novo *status* do filho.

Percebe-se aqui claramente o confronto entre o desejo do rapaz de restabelecer a vida no lar que ele mantinha congelada em suas lembranças e as expectativas de sua mãe, fundadas em uma concepção comum à sociedade cabo-verdiana do que seria o típico emigrante que retorna ao país. Seu filho não poderia, após sua emigração, voltar para o mesmo ambiente que ele havia deixado. Tratava-se de um novo homem. Não era possível restabelecer no presente o que pertencia ao passado. De maneira geral, as novas experiências que ocorrem no período em que o emigrante está fora, tanto em relação a ele próprio quanto àqueles que ficaram, criam uma lacuna entre o passado e o presente. Experiências passadas são reinterpretadas e as perspectivas são alteradas. Por mais que seja este o desejo, nada pode ser exatamente como era antes.

¹⁵ SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*.

Torna-se clara, assim, a situação de estranhamento vivida por ocasião do retorno à terra natal. Cabo Verde, para os emigrantes retornados, não é mais o mesmo que conheciam antes de partir, nem aquele que lembravam e desejavam enquanto estavam fora. Além disso, eles próprios não são mais os mesmos que partiram – nem para si, nem para os que os esperavam.

O que se torna fundamental, porém, é que essa situação está longe de ser esporádica. Trata-se de um país inteiro submerso nesse fenômeno de constantes partidas e retornos. Dificilmente se encontra uma família em Cabo Verde que não tenha um de seus membros emigrado. E, como temos visto, esses emigrantes são uma peça essencial na reprodução da sociedade cabo-verdiana. Um número tão grande de pessoas e com um papel tão central para essa sociedade não pode simplesmente permanecer na incômoda situação de não ter mais um lugar no grupo. Se essas pessoas não têm mais o lugar que antes ocupavam, é preciso, então, que se construa um novo lugar para elas. E esse novo lugar pressupõe, acima de tudo, a idéia de prestígio.

O discurso sobre o emigrante retornado apresenta grande riqueza simbólica e significativos desdobramentos para a dinâmica das relações sociais em Cabo Verde. Sendo um tema já abordado em maior profundidade em um trabalho anterior,¹⁶ limito-me aqui a apontar as principais idéias acionadas na construção do lugar do emigrante na sociedade cabo-verdiana. Esse imaginário criado sobre o emigrante retornado é de suma importância para uma compreensão plena dos projetos de emigração dos cabo-verdianos, abarcando todo o complexo de fatores que influenciam na opção pela partida rumo a novos mundos.

As idéias construídas em torno dos emigrantes agregam um misto de “aprovação e inveja”. Aquele que retorna é, para os que não emigraram, aquele que conseguiu, no exterior, alcançar melhores condições de vida e ter acesso às vantagens da modernidade. Mas é também aquele que peca pelo excesso de ostentação, quando procura a todo custo mostrar o seu sucesso através de suas roupas, suas jóias, seus carros e uma série de outros símbolos que reforçam sua posição social.

O prestígio do emigrante construído pela sociedade cabo-verdiana se expressa de diversas maneiras. O emigrante retornado é usualmente tratado como o centro das atenções, como aponta um jovem cabo-verdiano:

As pessoas passam a ter maior consideração com eles, eles se tornam mais importantes. (...) Tem até uma expressão para denominar os

¹⁶ DIAS, Juliana Braz. “A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares”.

retornados: *kem ki bem* [aquele que veio]. Dizem que eles vieram com o vento, os bons ventos. (...) Se tem um emigrante num bar e alguém comenta isso alto, os outros ficam todos olhando para saber quem é. Ele fica realmente importante.

O jovem emigrante retornado atrai principalmente a atenção das mulheres. Casar-se com um emigrante é, para muitas mulheres, a concretização de um sonho. Segundo elas próprias, o que as motiva é a certeza de que eles têm mais condições de sustentar uma família.

O próprio emigrante, em suas interações com o restante da sociedade cabo-verdiana, reforça a todo tempo seu *status*. A índole dadivosa é uma de suas características marcantes, servindo para demonstrar tanto sua boa situação financeira quanto sua disposição para partilhar com os outros o seu sucesso, o que lhe confere, por sua vez, honra e prestígio. Em suas constantes visitas aos familiares em Cabo Verde, os emigrantes trazem sempre com eles grande quantidade de presentes. Já em Cabo Verde, permanecem demonstrando sua generosidade em diversas interações do cotidiano. Se saem para boates, por exemplo, se oferecem para pagar a entrada e as bebidas consumidas. Também se mostram sempre dispostos a oferecer carona em seus carros luxuosos, de marcas como BMW e Mercedes-Benz. Além disso, os emigrantes retornados trazem também novas modas, valores, costumes e informações. A cada vez que volta a seu país, o emigrante traz com ele uma amplidão de objetos, idéias e hábitos de grande valor simbólico. Desde o novo corte de cabelo que está sendo usado na Holanda, ou o disco recém-lançado de um famoso cantor norte-americano, até novos padrões arquitetônicos, diferentes hábitos alimentares, uma nova tecnologia agrícola, uma concepção menos negativa do divórcio, enfim, um novo olhar sobre o mundo. O retornado é aquele que traz novidades, que conhece muitas coisas – tudo isso reforçando seu lugar de honra e prestígio.

Inevitavelmente, o prestígio alcançado pelos emigrantes, através dessas diversas formas de interação, tem um lado cruel para aqueles que não migraram. A ascensão social do emigrante faz-se acompanhar de significativo desconforto por parte daqueles que continuaram residindo em Cabo Verde e que repreendem seus atos de ostentação. O *status* do emigrante retornado vai sendo construído, assim, na oscilação entre o reconhecimento e a acusação diante de suas atitudes.

Gostaria de ressaltar especialmente que essa ascensão social do emigrante, que retorna à sua terra natal repleto de prestígio, transforma-se em um dos principais estímulos para o fenômeno migratório, alimentando os sonhos e os projetos de emigração daqueles que ainda não partiram. Possivelmente, mais forte do que a própria necessidade de buscar a

sobrevivência material, seja o exemplo de sucesso de um vizinho, amigo ou parente que retornou a Cabo Verde dando demonstrações do êxito alcançado e da posição de honra que passa a ocupar na sociedade cabo-verdiana.

A emigração nos projetos familiares

Procurei tratar até o momento do conjunto de fatores que estão por trás da decisão tomada por um cabo-verdiano de deixar seu país e embarcar rumo a outras realidades. No entanto, um ponto fundamental tem ficado de lado. Os inúmeros estudos realizados por cientistas sociais sobre o fenômeno da imigração internacional demonstram, sem excessão, que esse empreendimento nunca é parte de um projeto exclusivamente individual. As redes de parentesco e amizade são sempre condição *sine qua non* para o bom êxito na experiência de emigração. O que pretendo apontar a partir daqui – e que é o cerne do argumento desenvolvido neste estudo – é o papel da família na escolha daqueles que emigram e daqueles que ficam, bem como na sustentação deste projeto de vida, garantindo o sucesso do emigrante e, principalmente, a manutenção dos seus vínculos com sua sociedade de origem.

A reprodução biológica, social e cultural da sociedade como um todo e dos vários grupos que a compõem é alcançada através de um conjunto de estratégias acionadas por indivíduos e grupos, a fim de maximizar recursos.¹⁷ Estratégias de fertilidade, de educação, de matrimônio e de emigração, cada uma particularmente eficiente em contextos específicos, permitem a manutenção ou mesmo expansão dos privilégios dos grupos que as acionam. Para discutirmos aqui as estratégias adotadas pelas famílias cabo-verdianas para se reproduzirem e mesmo ascenderem socialmente através da emigração, precisamos tratar em primeiro lugar dos modelos de organização familiar encontrados nesta sociedade.

É possível perceber, em Cabo Verde, a coexistência de valores e práticas que apontam para a centralidade da posição ocupada pela mulher na organização familiar, ao mesmo tempo em que reforçam uma ideologia onde o homem deve manter-se como o centro das tomadas de decisão, da autoridade e do respeito.

A história da formação de Cabo Verde é particularmente relevante para a compreensão da constituição de uma ideologia patriarcal no arquipélago. A raridade com que a mulher européia emigrava para as terras a povoar, conforme nos sugere também a história brasileira, propiciou

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*.

a intensificação das uniões livres entre homens europeus de variados estratos sociais e mulheres trazidas como escravas do continente africano. Tal relação daria origem não apenas a um processo de miscigenação, fundamental na constituição da sociedade cabo-verdiana, mas também ao estabelecimento de uma assimetria particular entre homem e mulher que viria a ter influência marcante na configuração das relações no interior da família. A escrava negra constituía-se como um elemento triplamente subjugado pelo senhor branco. Além da dominação racial e de estrato, havia ainda na hierarquização sexual imposta pela doutrina católica. É com base na continuidade dessa tradição colonial que Lopes Filho explica a formação da “família cabo-verdiana tradicional de tipo patriarcal”, resultado direto da herança cultural fundada na autoridade do homem em relação à mulher – quer este fosse seu dono, como no tempo da escravatura, patrão, ou mesmo marido ou companheiro.¹⁸

A autoridade e a rigidez do marido-pai não se limitam às relações no interior do agregado familiar. Sua figura funciona como um símbolo de respeito também nas relações entre famílias, a exemplo das negociações matrimoniais, onde a presença paterna é fundamental para que o grupo consiga maximizar seus ganhos, sem que seja subvalorizado ou mesmo desrespeitado pelo parceiro de troca.

A ideologia que privilegia a posição do homem na relação entre marido e mulher é confrontada, porém, com as interações observáveis no cotidiano das famílias cabo-verdianas. Mulheres que mandam em seus maridos muitas vezes não são bem vistas pela sociedade, mas o fato é que elas existem e em grande número. A aprovação social e o desejo do marido-pai de exercer sua autoridade dentro do agregado familiar nem sempre implicam a plena efetivação de seu poder.

Nesta sociedade heterogênea, produto de um processo de formação social fundado no encontro de civilizações diversas, a herança patriarcalista pode ser percebida como o “ideal desistido”,¹⁹ contraposto a um modelo cultural adaptado à realidade local, marcada também por questões de caráter econômico, mas especialmente por uma configuração particular de valores e práticas ambíguos. Esse novo modelo, que surge frente à distância estabelecida entre o ideal patriarcal e a prática cotidiana, entre o consenso social sobre a autoridade paterna e a efetivação de seu poder, é o produto da negociação entre fatores de diferentes ordens. É preciso ressaltar ainda que, sendo uma resposta à distância entre os valores

¹⁸ LOPES FILHO, João. *Ilha de S. Nicolau, Cabo Verde: Formação da Sociedade e Mudança Cultural*.

¹⁹ Utilizo aqui o modelo analítico elaborado por Klaas Woortmann em *A família das mulheres*.

patriarcais, impostos durante séculos como o ideal dominante, e a realidade experienciada no cotidiano, este modelo apresenta uma grande variabilidade, modificando-se conforme o estrato social. A heterogeneidade social cabo-verdiana apresenta-se como um *continuum*, com elementos que vão progressivamente se afastando do ideal patriarcal, e essa heterogeneidade se vê refletida na diversidade de sínteses culturais encontradas, que poderíamos chamar não apenas de um único, mas de vários modelos de organização familiar, coexistentes dentro de uma mesma ordem social.

Se procurarmos ordenar esta heterogeneidade segundo um critério de classe, veremos que a elaboração de um ideal de família mais realista apresenta-se fortemente moldado pela pressão econômica. “Ganhar o pão” é uma obrigação de suma importância para o homem (marido-pai), chegando mesmo a condicionar o pleno desfrute de seus direitos no interior do grupo doméstico. Se o homem não cumpre o seu dever de sustentar a família, está sujeito a ter que abrir mão de seus direitos, em especial de sua autoridade, como vemos no depoimento de uma senhora cabo-verdiana:

Os homens não sustentam nem os seus filhos. Passam a vida inteira sem dar nada a eles e quando vêem seus filhos já grandes, na rua, querem tomar conta da vida deles, exercer a sua autoridade... A mãe é que tem que pensar na doença, na morte, na alimentação, na educação... A mãe é que é tudo. O pai é uma figura...

A indignação da informante revela como, para ela, há um ideal de família onde o pai deve sustentar seus filhos. Se o pai de fato “ganha o pão” para a casa, sua autoridade sobre os outros membros da família é legítima. O problema surge quando este homem não segue o modelo como esperado. Deixando de cumprir sua obrigação de sustentar a casa, coloca em questão o que, a princípio, seria de seu legítimo direito. Mas ainda nesse caso, os homens continuam acreditando no seu direito de “tomar conta da vida dos filhos”, em conformidade com uma ideologia patriarcal, mesmo que, na prática, sua presença se torne cada vez menos significativa. A mãe, ao participar ativamente da criação dos filhos, inclusive como provedora da família, assume uma posição central, contraposta ao pai, que se limita cada vez mais a ser somente “uma figura”. Sua importância passa a ser apenas ideológica, distante das interações cotidianas.

Ao mesmo tempo em que o homem perde sua legitimidade enquanto autoridade máxima da família, por não ser capaz de cumprir com o papel socialmente definido de provedor, ele próprio reforça seu distanciamento, numa reação frente ao seu fracasso. A escassez econômica fundamenta, portanto, uma entre várias formas de distanciamento do marido-pai.

Para a manutenção da autoridade paterna, é necessário que os familiares dependam da participação do marido-pai no sustento da casa. Mulheres que tenham trabalho remunerado não precisam se submeter ao poder do marido. Da mesma forma, filhos adultos que trabalham e, portanto, são independentes, já não se sujeitam como antes às ordens paternas. Podemos observar, com isso, que a autoridade do marido-pai também está condicionada às transformações que se sucedem no grupo doméstico ao longo do tempo.

O período de desenvolvimento do grupo doméstico onde os filhos têm acesso a meios de sustentação de si próprio e de outros membros da família delimita uma etapa importante da vida familiar, marcada pela disputa por autoridade. O(s) filho(s) passa(m) a competir com o pai pelo controle do grupo doméstico. Se, nos termos do modelo operacional, prover a família é a condição fundamental para exercer o papel de chefe do grupo doméstico, tal posição se torna isenta de uma distinção sexual ou etária. Tanto a mulher pode assumir este posto, idealmente reservado ao marido, quanto o filho adulto.

Esta disputa por autoridade tende a tornar-se ainda mais conflituosa no contexto migratório. Filhos emigrantes não só têm acesso a melhores condições de emprego, mas também a uma série de outros valores. O conhecimento, em primeira mão, das novidades do mundo moderno contribui, juntamente com o sucesso econômico, para uma reconfiguração da hierarquia familiar caracterizada pelo maior grau de poder de decisão conferido ao filho emigrante, em detrimento da autoridade paterna.

A escassez econômica e o próprio ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico são, portanto, fatores que agem a favor de um afastamento progressivo do marido-pai com relação a seus familiares, acompanhado da diminuição de sua autoridade frente aos mesmos. Há, contudo, uma série de outros fatores que promovem um distanciamento paterno, como é o caso, mais uma vez, da emigração.

A emigração cabo-verdiana é um fenômeno que atinge predominantemente a população masculina. São homens, em sua grande maioria casados, que partem do país deixando para trás esposas e filhos. A distância física entre o emigrante e seus familiares só é vencida, quando possível, em visitas periódicas ao arquipélago. Circulando entre países, o marido-pai assume uma posição bastante ambígua, oscilando entre demonstrações de grande autoridade e situações caracterizadas pela limitação de seu poder.

Se o casamento nunca é um obstáculo para a partida dos cabo-verdianos, é possível que a constituição de uma família seja mesmo pensada como uma força impulsionadora para a emigração. Com as limitações do mercado de trabalho em Cabo Verde, torna-se cada vez mais difícil para o homem cumprir seu papel como provedor da família. Frente a esse quadro, a emigração surge como uma alternativa muito importante na tentativa de conseguir um bom emprego, capaz de sustentar esposa e filhos. Se cabe ao marido-pai “ganhar o pão”, deixar o arquipélago pode ser, muitas vezes, a única saída para que possa cumprir plenamente seu dever.

Sendo capaz de sustentar sua família através das remessas de dinheiro enviadas periodicamente aos parentes, o emigrante pode assumir, legitimamente, uma posição de grande autoridade. Mesmo de longe, ele procura controlar os acontecimentos no cotidiano de sua família, tentando manter-se informado de todos os fatos e impor suas decisões. Muitas vezes são felizes neste intuito. Sua figura pode assumir tal importância que supera os obstáculos impostos pela distância. Contudo, em muitas outras circunstâncias, a autoridade paterna vê-se confrontada pela sua impossibilidade de acompanhar de perto os acontecimentos familiares, como podemos observar no caso a seguir.

Há 20 anos Carlos adoeceu gravemente e precisou fazer um tratamento médico em Portugal, recebendo auxílio financeiro do governo de Cabo Verde. Mesmo com o fim do tratamento, decidiu-se por permanecer no exterior, onde ficou por todos esses anos, voltando ao arquipélago apenas duas vezes para visitar sua esposa e seus seis filhos. Em sua segunda visita à família, recebeu a notícia de que sua filha mais nova havia tido dois filhos, com diferentes pais, sem que houvesse se casado com nenhum deles. Os pais das crianças não a ajudavam na criação das mesmas. Portanto, a jovem mãe trabalhava fora para sustentar os filhos e deixava as crianças sob os cuidados da avó. Carlos, quando soube do que se passava, ficou encolerizado. Protestou muito, queixando-se especialmente da esposa, a qual culpava pelo acontecido. Inflexível, cortou relações com a filha e repreendeu a esposa, que, submissa, ouvia a tudo sem dizer uma só palavra. O conflito estendeu-se ao longo da estada de Carlos em Cabo Verde. Mas após seis meses de visita ao arquipélago, regressaria a Portugal e, muito provavelmente, a vida familiar voltaria a seu ritmo normal.

A história de Carlos revela, logo de início, uma explicação para sua incapacidade de controlar os acontecimentos no interior de sua família: seu distanciamento, durante 20 anos, mostrou-se um obstáculo grande

demais para que pudesse acompanhar e, com isso, controlar o cotidiano familiar. Somente seu retorno ao país pôde colocá-lo em dia com acontecimentos de grande importância para a família – mas que já não eram mais reversíveis. Essa limitação acompanha com grande frequência a situação experienciada pelo marido-pai que vive distante de seus familiares.

A situação destes homens emigrantes revela, de maneira paradigmática, o conflito entre a ideologia patriarcal, que aponta o homem como o foco da autoridade e do respeito, e a centralidade da posição ocupada pela mulher no grupo doméstico. Enquanto o homem, no exterior, adquire os meios para sustentar sua família, a mulher, em Cabo Verde, assume uma posição central, responsabilizando-se por todas as outras tarefas que, de longe, ele não pode se ocupar. Acompanhando de perto o cotidiano da família, a esposa-mãe constrói uma posição de grande importância, tornando-se o foco da rede de relações domésticas.

Podemos sugerir aqui a distinção entre dois tipos de poder. De um lado, há a autoridade e o respeito, com legitimidade ideológica, reservados ao pai. De outro lado, o poder de influência da mãe, capaz de induzir ações conforme sua vontade. O poder materno é fortalecido justamente no convívio intenso com os filhos, na sua proximidade em relação às questões familiares.

O poder conferido à mãe é ainda alimentado pelo próprio afastamento paterno. É fundamental observar que a emigração do pai e a centralidade conferida à mãe favorecem-se mutuamente. Com o distanciamento paterno, a mãe encontra maior espaço de atuação. Desvencilhando-se dos obstáculos colocados pela presença do pai em uma sociedade de herança patriarcal, a mulher põe-se em condições de desenvolver um papel central como o foco da rede de relações no grupo doméstico. Por outro lado, é somente estando seguro a respeito da independência particular à mulher cabo-verdiana que o homem pode emigrar deixando no arquipélago sua família. À esposa são confiadas tarefas de grande importância, como criar os filhos e cuidar dos negócios da família no país. São essas esposas-mães independentes e com um papel central no domínio do sistema de parentesco que permitem que a emigração do marido-pai não implique na desestruturação do grupo doméstico. Com a emancipação alcançada pela mulher, a ausência paterna acarreta menores dificuldades.

O distanciamento paterno é resultado também de outros fatores. As formas de união conjugal encontradas em Cabo Verde – frequentemente relações conjugais instáveis, simultâneas e/ou sucessivas – intensificam o distanciamento do homem em relação à(s) esposa(s) e aos filhos. A carência de estabilidade nas uniões conjugais revela a fragilidade da relação entre marido e mulher. Circulando entre diversas unidades

domésticas, o homem afasta-se progressivamente de cada uma delas. A mãe, por sua vez, sempre ao lado dos filhos, reforça cada vez mais sua autoridade doméstica. As mulheres são constantes, permanentes, enquanto os homens são transitórios, circulando quer seja entre países ou entre famílias. Sua distância em relação a cada uma das mulheres e seus filhos enfraquece, dia após dia, seus laços com os mesmos.

Há ainda uma atitude de distanciamento que acompanha os homens no próprio convívio familiar e que prejudica a centralidade de sua posição no grupo doméstico. Não se trata mais de uma ausência física, mas do que poderíamos chamar de uma “ausência psicológica”. A relação entre pai e filho(a) caracteriza-se, em geral, por uma formalidade que marca uma carência de convívio e de participação de um na vida do outro. A distância paterna traduz-se também numa relação distante, sem “carinho” e “amizade”, sem calor humano. Reservado e frio, o pai se contrapõe à imagem da mãe, em sua atitude calorosa.

Observamos assim como se consolida na sociedade cabo-verdiana uma tendência matrifocal, onde o papel da mãe é central tanto em termos estruturais quanto culturais e afetivos. Os próprios filhos ressaltam que é na mãe que encontram a segurança, o apoio e a cumplicidade que carregam por toda sua vida. E as meninas, desde muito cedo, são socializadas de forma a estarem preparadas para desenvolver, no futuro, este papel central.

O valor da maternidade e a necessidade do trabalho feminino apresentam, no entanto, uma situação paradoxal. No momento em que se confrontam a criação dos filhos e o trabalho remunerado, uma questão ganha peso: quem cuida das crianças enquanto a mãe, principal responsável por elas, precisa trabalhar fora de casa? O confronto entre essas duas dimensões do papel da mãe dá origem a um dilema que acompanha a mulher durante toda sua vida. Aparecida, mãe de 13 filhos, aos 57 anos de idade ainda vivencia as conseqüências dessa contradição fundamental. Sentindo que sua saúde já não corresponde às expectativas de trabalho, lamenta-se: “O país é pobre, tem muito trabalho e as mulheres têm muitos filhos. No final, o corpo está acabado e não dá mais para trabalhar.” Se o desgaste físico proporcionado pela maternidade é um problema que se faz sentir a longo prazo, até a velhice, as responsabilidades com os filhos, quando ainda crianças, são um obstáculo ainda maior para que a mulher possa trabalhar fora de casa.

Como ressalta Sheldon,²⁰ numa sociedade onde a identificação entre “crianças”, “domesticidade” e “responsabilidades de mulher” é

²⁰ SHELDON, Kathleen. “Creches, Titias, and Mothers: Working Women and Child Care in Mozambique”.

central, a capacidade de uma mulher trabalhar fora está vinculada ao seu acesso a creches ou à ajuda de amigos ou membros da família. De fato, estas duas formas de auxílio, especialmente a segunda, são muito importantes para as mulheres cabo-verdianas. A grande maioria das crianças permanece sob a responsabilidade de membros da família enquanto a mãe trabalha fora de casa. Avós, tias e irmãos(as) tornam-se, freqüentemente, os responsáveis pelas crianças durante o trabalho materno.

Para o argumento desenvolvido neste estudo, é preciso considerar com maior atenção este dado. Em todas as camadas sociais, tias e, especialmente, avós ocupam uma posição central. A avó é especialmente importante. Sua atuação não se limita aos casos em que a mãe precisa trabalhar fora. Quando a mãe emigra ou deixa o país para estudar, é a avó quem assume todas as responsabilidades sobre o neto. E mesmo quando a mãe continua no país, próxima ao filho, muitas vezes é a avó quem cuida da criança, que pode passar algumas horas do dia com a avó, ou mesmo morar definitivamente em sua casa. Além dos netos, estas senhoras podem também ter um filho de criação ou algum jovem que elas mantenham em suas casas, dando a ele condições de estudo.

Essa posição central da avó, muitas vezes mais importante do que a mãe biológica, pode parecer contraditória em um contexto onde o grande valor é a figura da mãe. É preciso que se perceba, porém, que a mãe – ou *mamá* – é um termo classificatório, englobando diferentes posições, inclusive a da avó. O neto biológico criado pela avó passa a chamá-la de *mamá*, da mesma forma em que esta o chama de *fidju* (filho) e o trata como seus filhos biológicos. Ainda, primos criados pela mesma avó tratam um ao outro como *irmon* (irmão), assim como uma criança criada pela avó também vê no seu tio um *irmon*. Os termos, portanto, alcançam uma diversidade de posições genealógicas e “*mamá*”, como um símbolo, tem seu significado expandido para além da mãe biológica, alcançando todas aquelas que atuam como tal.

Para se compreender o modelo de organização familiar em Cabo Verde, com suas diversas variantes, é necessário estar atento ainda para sua dimensão temporal. Embora a estrutura social permaneça relativamente estável, as transformações pelas quais passa cada grupo doméstico ao longo do tempo, com a morte e o nascimento de novos membros e com mudanças nas relações entre eles, apontam para a um caráter dinâmico do modelo.²¹ Estas transformações indicam diferentes momentos da vida do grupo, que

²¹ FORTES, Meyer. “Time and Social Structure: An Ashanti Case Study”.

passa por um ciclo de desenvolvimento, que vai desde o seu surgimento até o momento em que se dissolve, dando espaço a novos grupos domésticos. A centralidade que alcança a mulher, e particularmente a avó, dentro da família só pode ser devidamente compreendida a partir de uma atenção especial a essa dinâmica do modelo, com a análise do ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico.

A precocidade das relações sexuais em Cabo Verde é marcante, ao que se segue um alto índice de gravidez precoce. Muito jovens, estas mulheres ainda não se encontram plenamente preparadas para responder a todas as exigências do papel de *mamá*. É neste momento que a avó surge como uma figura importante, que vai assumir as responsabilidades sobre a criança. No meio urbano, é a própria avó materna quem, em geral, assume esta função. Já no meio rural, onde a perda da virgindade e a gravidez fora do casamento ainda são encarados como um grande problema, motivo de desonra para a família da moça, esta última geralmente sai de casa, indo viver com seu parceiro na casa dos pais dele e levando com ela seu filho, que será cuidado pela avó paterna.

No grupo doméstico que teve seu início na união entre um homem e uma mulher, seguida do nascimento dos seus filhos, a gravidez da(s) filha(s) parece ser a primeira grande transformação no seu ciclo de desenvolvimento. Neste momento, a avó que passa a criar seu(s) neto(s) começa a consolidar uma posição de dominância no grupo. Estando mais independente, com seus filhos já crescidos, e aumentando a quantidade de pessoas sob seu domínio, assume uma posição central dentro da família. Por outro lado, seu companheiro, que já sente sua autoridade enfraquecida como consequência de seu distanciamento em relação ao grupo doméstico – levando em consideração, aqui, todas as formas de distanciamento já referidas anteriormente – perde ainda mais poder frente ao fato de que seus filhos começam a trabalhar e ganhar dinheiro, não dependendo mais unicamente de sua contribuição para o sustento da família.

Sem precisar dedicar-se totalmente à criação de seus filhos, caso os tenham, os jovens filhos do casal (homens e mulheres) partilham de maior mobilidade. Alguns passam a trabalhar, outros emigram, outros vão estudar no exterior, ou mesmo casam-se e têm (outros) filhos. Daqueles que se casam, alguns mudam-se para uma casa nova ou para a casa da família do cônjuge, outros permanecem com seus pais.

Morar em uma casa nova após contrair o matrimônio é o ideal de residência para aqueles que se casam: “O cabo-verdiano quando casa não quer ir morar com os pais. Se não tiver meios fica, mas se tiver, sai.” Contudo, além de os constrangimentos econômicos serem muitas vezes

um obstáculo insuperável na aquisição de uma casa nova, não parece ser exatamente este o ideal de residência para muitos pais, mesmo nos estratos mais elevados. Em Cabo Verde, é um padrão arquitetônico, entre os estratos médios e altos, a construção de pequenos prédios com duas ou três moradias independentes. Em cada andar, tem-se uma residência completa para a habitação de uma família. Embora tais moradias possam às vezes ser alugadas, os pais normalmente as constroem com a intenção de que sejam posteriormente utilizadas por um ou mais de seus filhos, de tal forma que pais e filhos permaneçam morando juntos, mesmo após o casamento destes últimos. E ainda nos casos de residência neolocal, é importante notar que, pela própria proximidade que se mantém em relação à casa dos pais, normalmente não há um isolamento da nova família nuclear que se forma.

Dentre os diversos destinos de cada membro da família (onde a emigração, certamente, tem um lugar de destaque), em geral pelo menos uma filha permanece na casa dos pais para ajudar sua mãe nos serviços domésticos. É preciso ressaltar que se trata de uma *fidju fêmea* (filha) entendida como um termo classificatório, que pode incluir, por exemplo, uma neta criada pela sênior do grupo. Esta mulher se torna a principal candidata para ocupar, posteriormente, uma posição de importância no grupo doméstico. Tendo sido socializada neste sentido, ajudando a mãe a cuidar da casa, a gerenciar o orçamento familiar e mesmo a tomar decisões importantes para a família, ela está preparada para assumir, com a morte da *mamá*, o seu posto, quando um novo ciclo recomeça.

Essa longa exposição sobre os modelos de organização familiar coexistentes em Cabo Verde vem reforçar o argumento de que a opção pela emigração passa muito ao largo de uma escolha puramente individual. O indivíduo, ao construir seu projeto de vida, precisa levar em consideração todos as demandas a ele lançadas pelo seu próprio grupo doméstico. Antes de tudo, precisa desempenhar da melhor maneira possível seu papel de filho ou filha, de mãe ou pai, de esposa ou marido. E isso pode significar a partida para mundos distantes, bem como a permanência em Cabo Verde, trabalhando para a manutenção do grupo doméstico, cujos membros encontram-se dispersos por vários países. Ficar nas ilhas não significa apenas abdicar do sonho de conhecer terras longinhas e de desfrutar da prestigiosa posição de emigrante retornado. Significa também gerenciar os negócios da família em Cabo Verde, cuidar dos filhos daqueles que partiram e manter os migrantes informados dos últimos acontecimentos no país de origem. Em suma, aqueles que não migraram têm também uma participação fundamental na manutenção desse fenômeno migratório, essencial para a reprodução da sociedade cabo-verdiana.

Falta notar ainda outra importante questão. As estratégias familiares de emigração seguem lado a lado com as estratégias matrimoniais, também fundamentais para a reprodução ou mesmo ascensão social do grupo doméstico. Assim como pode ser absolutamente interessante para uma família ter um ou mais de seus membros emigrados, fazer bons casamentos é uma forma importante de favorecimento do grupo doméstico. E mais uma vez a emigração torna-se relevante. Sabendo que o emigrante retornado ocupa uma posição privilegiada na sociedade cabo-verdiana, não é difícil compreender o desejo das famílias cabo-verdianas de casar suas filhas com emigrantes. O casamento com emigrante pode ser tomado aqui como o casamento preferencial em Cabo Verde, seriamente considerado na elaboração das estratégias familiares. E esse é mais um processo social que está sob a ponta de nosso *iceberg*: a emigração dos cabo-verdianos.²²

Conclusão

A análise dos princípios que orientam a organização das famílias em Cabo Verde revela parte da complexa realidade social, que se traduz na pluralidade de valores e práticas que compõem essa síntese cultural original. Tornou-se claro pelas discussões aqui desenvolvidas que existe, em Cabo Verde, um sistema de relações inter e intra-familiares impossível de ser enquadrado em um único modelo. As noções de poder e autoridade no interior das famílias de Santiago escorregam por entre as amarras de qualquer modelo que se pretenda definir, dada a pluralidade de formas que assumem. De um lado, percebemos a existência de uma tradição patriarcal que se revela especialmente no respeito e autoridade alcançados pelo marido-pai, mesmo quando este se encontra distanciado do convívio familiar. De outro lado, observamos a centralidade do papel desempenhado pela esposa-mãe nas relações que se desenvolvem no domínio doméstico, o que também se apresenta como fonte de poder e autoridade.

Sendo ambíguo e heterogêneo, revelado numa multiplicidade de modelos coexistentes, o sistema de parentesco cabo-verdiano apresenta-se em conformidade com uma estrutura social caracteristicamente instável. E esses princípios heterogêneos, que de alguma maneira orientam a organização das famílias em Cabo Verde, revelam-se como um importante caminho na tentativa de compreensão do fenômeno emigratório nessa sociedade.

²² Para uma discussão mais aprofundada sobre as vantagens e desvantagens do casamento com emigrante, ver: DIAS, Juliana Braz. *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*.

A família apresenta-se, de certa forma, como mais um dos vários mecanismos que atuam de forma a impulsionar a partida dos cabo-verdianos. Na elaboração de seus projetos familiares, que determinam destinos diversificados e complementares para cada membro do grupo doméstico, os cabo-verdianos contam sempre com a emigração entre as principais armas de que dispõem, seja através do incentivo à partida de um parente ou da consolidação de alianças com famílias de emigrantes. No arquipélago, raras são as famílias que não têm nenhum de seus membros emigrados. O parente emigrante representa sempre maiores chances de ascensão econômica e social e a construção de um vínculo permanente com o exterior, que favorece a inserção da família como um todo na comunidade da diáspora, além de representar um caminho seguro para emigrações futuras. Ter um parente no exterior é ter acesso a uma infinidade de símbolos de prestígio, que consolidam continuamente o privilégio da família de emigrante, em um contexto onde estar aberto ao mundo é quase uma necessidade.

Embora a emigração tenha sempre um lugar central nos projetos familiares, a análise das relações no interior do grupo doméstico revela que a partida pode e deve ser o projeto de apenas alguns membros específicos da família, nunca de todos eles. Se é privilegiada a inserção da família na comunidade da diáspora, é preciso que haja um equilíbrio entre os dois pólos – Cabo Verde e o país de emigração – a fim de que se torne viável a manutenção da família nesse espaço transnacional. Ter todos os familiares emigrados já não é mais fonte de prestígio, mas sinal de que não há mais vínculos preservados em Cabo Verde.

Frente a esse quadro, surge, então, a questão: se nem todos partem, quem são as pessoas que devem partir e quais devem permanecer em Cabo Verde? Para compreender as sutilezas desse processo, foi necessário alcançar o nível das interações familiares, da definição de papéis no interior do grupo doméstico, para que se pudesse indicar os motivos por que certo indivíduo emigra e não o outro. Só assim se torna possível explicar também por que os que emigram podem fazê-lo com tanta facilidade, sem que com isso desestruturarem suas famílias e, em última instância, a ordem social como um todo.

Se a emigração cabo-verdiana constituiu-se como um fenômeno predominantemente masculino, observamos que essa constatação está intimamente relacionada ao papel idealmente reservado ao marido-pai. Responsabilizados pelo sustento da casa, os homens muitas vezes encontram na emigração sua única alternativa. Para desempenhar adequadamente o papel de provedor do grupo doméstico em um cenário

caracterizado por limitado mercado de trabalho, eles precisam partir em busca de melhores condições de vida. As obrigações impostas ao homem que deseja constituir uma família apresentam-se, portanto, como um novo impulso à partida.

Também é sempre interessante às famílias que um ou mais filhos (do sexo masculino) emigrem. Além de representarem um importante vínculo com o exterior, como tenho continuamente enfatizado, são ainda a esperança de boas alianças futuras, dado o prestígio de sua condição na realização das trocas matrimoniais. A emigração dos filhos pode ser ainda parte de uma estratégia de sobrevivência, especialmente quando não há um marido-pai no grupo doméstico e os filhos precisam desempenhar o papel idealmente reservado a ele. Todos estes fatores, em conjunto, contribuem para empurrar estes jovens para o exterior.

Com o aumento observado nas últimas décadas com relação à emigração feminina, percebe-se que não apenas os homens, mas também algumas mulheres têm sido levadas a deixar o país, muitas vezes pelos mesmos motivos descritos acima. Entre as mulheres, porém, algumas particularidades de sua condição limitam as possibilidades de emigração. O papel por elas desempenhado estando presentes nas ilhas é tão central, que muitas vezes a opção da emigração é negada a elas.

As esposas-mães, especialmente a *mamá*, constituem a base das famílias. Atuando como ponto focal das relações de parentesco e desempenhando um papel central na administração da vida familiar e na criação dos filhos, tais mulheres precisam acompanhar de perto o cotidiano do grupo doméstico. Assim como a *mamá*, também uma ou mais de suas filhas (ou netas) devem permanecer em Cabo Verde para ajudá-la nos serviços domésticos. A essas moças também está reservada uma função muito especial de preparar-se para substituir a *mamá* quando já não lhe for mais possível desempenhar um papel tão demandante. E é por isso que são tão frequentes os casos de mulheres que vivem a grande tristeza de querer emigrar e não poder fazê-lo. São mulheres que alimentam sonhos de partir, de conhecer o mundo, mas que são confrontadas por uma dura realidade de ter que ficar em Cabo Verde. Pesa sobre elas a responsabilidade por diversas questões familiares, especialmente por cuidar de crianças, que muitas vezes nem mesmo são seus filhos, mas, por exemplo, o filho de um irmão que partiu. Em um país onde tudo se volta para a emigração, onde o emigrante é símbolo de sucesso e prestígio, elas estão fadadas a permanecer em sua terra natal.

Dessa particular divisão de funções, é fundamental que se perceba que é justamente essa forma de organizar os papéis dentro do grupo

doméstico que possibilita a manutenção do fluxo constante de pessoas. Se a esposa não estivesse capacitada para desempenhar um papel tão central, como seria possível ao marido emigrar? A independência e a autonomia da mulher cabo-verdiana permitem que o homem deixe sua família no arquipélago, sem que sua ausência desestruture o grupo doméstico. Da mesma forma, se a irmã não se dispusesse a ficar no país cuidando do sobrinho, como o irmão poderia se deslocar com tanta facilidade mundo afora? Se a *mamá* não assumisse o papel de mãe também na criação de seus netos e até bisnetos, como algumas mulheres da sua família poderiam partir? Além de todas essas funções, os parentes ainda se responsabilizam pela gestão dos negócios que o emigrante possivelmente tenha em Cabo Verde, pela manutenção de um fluxo de informações que o possibilita acompanhar os acontecimentos no seu país natal e, em última instância, pela manutenção de uma série de vínculos do emigrante com Cabo Verde, que se expressam não apenas nos favores realizados pelos familiares, mas também na saudade e na espera que acompanham todos eles. Em suma, se a família atua como um importante mecanismo de ejeção, ela mesma dá as condições para a partida do emigrante, sem que seu pertencimento à sociedade cabo-verdiana seja rompido. Este pertencimento se mantém na troca constante entre o emigrante e seus familiares, onde o primeiro fornece dinheiro, novidades, prestígio e distinção, recebendo dos segundos favores, segurança e a certeza da manutenção de um forte vínculo com sua terra natal.

As famílias cabo-verdianas, à primeira vista divididas entre aqueles que partiram e os que ficaram, de fato só assim se vêem inteiras. Imersas neste fenômeno de constantes partidas e retornos, elas resistem a todas as dificuldades que enfrentam para sua sobrevivência. Só assim as famílias tornam-se capazes de se reproduzir e, conseqüentemente, de possibilitar a reprodução da sociedade cabo-verdiana como um todo.

Bibliografia

- ANDRADE, José. "Migrações cabo-verdianas", in ALMEIDA, José Maria (org.). *Descoberta das Ilhas de Cabo Verde*. Cidade da Praia, CV: Arquivo Histórico Nacional; Paris: Sépia, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. Lisboa: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1972.

- _____. *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. Cidade da Praia, CV: Instituto Caboverdiano do Livro, 1983.
- CORREIA E SILVA, António Leão. *Histórias de um Sahel insular*. Cidade da Praia, CV: Spleen-Edições, 1996.
- DIAS, Juliana Braz. *Entre Partidas e Regressos: tecendo relações familiares em Cabo Verde*. Dissertação de mestrado, não publicada, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2000.
- _____. "A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares", in TEIXEIRA, Carla Costa (org.). *Em Busca da Experiência Mundana e seus Significados*: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- FORTES, Meyer. "Time and Social Structure: An Ashanti Case Study", in FORTES, Meyer (org.). *Social Structure: Studies Presented to A. R. Radcliffe-Brown*. Oxford: The Clarendon Press, 1949.
- FURTADO, Cláudio Alves. *A Transformação das Estruturas Agrárias numa Sociedade em Mudança – Santiago, Cabo Verde*. Cidade da Praia, CV: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.
- HOLLANDER, John. "It All Depends". *Social Research*, v. 58, n. 1, p. 31-49, 1991.
- KOPYTOFF, Igor. "The Internal African Frontier: The Making of African Political Culture", in KOPYTOFF, Igor (org.). *The African Frontier: The Reproduction of Traditional African Societies*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- LESOURD, Michel. *État et société aux îles du Cap-Vert: Alternatives pour un petit État insulaire*. Paris: Karthala, 1995.
- LOPES FILHO, João. *Ilha de S. Nicolau, Cabo Verde: Formação da Sociedade e Mudança Cultural - II Volume*. Lisboa: Secretaria-Geral do Ministério da Educação, 1996.
- MONTEIRO, César Augusto. *Comunidade Imigrada. Visão Sociológica. O Caso da Itália. Ilha de São Vicente, CV: Gráfica do Mindelo, 1997*.
- RYKWERT, Joseph. "House and Home". *Social Research*, v. 58, n. 1, p. 51-62, 1991.
- SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SECCO, Carmen Lucia T. R. "Mar, Memória e Metapoética na Lírica Cabo-verdiana". *Cerrados*, Brasília, n. 6, p. 41-50, 1997.
- SHELDON, Kathleen. "Creches, Titias, and Mothers: Working Women and Child Care in Mozambique", in HANSEN, K. T. (org.). *African Encounters with Domesticity*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1992.

WOORTMANN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987.